

EDUCAÇÃO PERENE SOB A LUZ DO TOMISMO: ESCLARECENDO CONCEITOS, DESFAZENDO EQUÍVOCOS

Vagner Neto Ribeiro¹¹
Maria Inácia Lopes¹²

RESUMO

Este trabalho foi realizado para explicitar as diferenças entre as educações tradicionais católica e laica. Tem por objetivo evidenciar a origem histórica, as diferenças essenciais e os equívocos em torno da educação tradicional católica cometidos por pedagogistas e apologistas das tendências educacionais contemporâneas. Expõe os pontos-chaves da educação, tão exaltados atualmente na pedagogia mas que, com um olhar mais amistoso para o tesouro conservado na tradição católica, boa parte das obras de autores contemporâneos se tornaria prolixa. Foi baseado na pesquisa bibliográfica em livros e arquivos disponíveis na internet.

Palavras-chave: Educação; Católica; Laica; Pedagogia; Tomás de Aquino.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz uma análise histórica e conceitual, mostrando que há equívocos em torno da educação tradicional, causados principalmente pelo fato de existir não uma mas, sim, duas vertentes de educações tradicionais: a religiosa e a leiga, sendo esta última fruto da Reforma e da Modernidade.

Enumera os principais pontos da educação tradicional de origem católica, pois mesmo diante de alguns abalos internos, das diversas críticas da Modernidade, do Iluminismo e da contemporaneidade ela se mostra constante, verdadeira, completa e harmoniosa, porque ainda conserva os princípios cristãos e a filosofia perene, duas das três bases sobre as quais o Ocidente se ergueu ao longo dos séculos.

¹¹ Aluno concluinte do curso de Licenciatura em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis

¹² Mestre em Ciências da Educação Superior e Vice-Diretora Acadêmica da Faculdade Católica de Anápolis

A educação contemporânea é fruto da Modernidade e do Século das Luzes, e assim como estes, posiciona-se de maneira mais crítica aos modelos clássicos do que procura solucionar os antigos problemas; e quando o faz, apoia-se em visões minimalistas da realidade, concepções estas baseadas principalmente nas ciências experimentais e particulares, o que não resolve o problema, mas antes gera uma série de consequências negativas.

A educação tradicional católica teve seu apogeu na Escolástica - período este em que todos os conhecimentos humanos constituíam um conjunto harmonioso; as várias ciências desenvolvidas até então estavam submetidas à filosofia e esta à teologia – o que pode ser a solução do grande problema da educação contemporânea: a qualidade. Ela conserva alguns traços que a Modernidade tentou destruir como a unidade, a hierarquia, a disciplina e o respeito ao homem em sua dignidade e totalidade. Entre os melhores colégios nacionais, os lugares de destaque são ocupados por instituições confessionais católicas tradicionais, como o colégio de São Bento.

AS DUAS EDUCAÇÃOES TRADICIONAIS

Existem autores que situam a origem da educação tradicional no século XIX (MOURÃO, s.d.), outros no XVIII (JUNIOR, s.d.) e alguns no fim do século VIII (FRANCA, 1969, p. 88). Para melhor entender a discrepância entre tais datas faz-se necessário aprofundar na história do Ocidente e da filosofia. Um dos representantes das concepções educacionais contemporâneas fornece a origem do termo pedagogia tradicional:

A denominação “concepção pedagógica tradicional” ou “pedagogia tradicional” foi introduzida no final do século XIX com o advento do movimento renovador que, para marcar a novidade dos propósitos que começaram a ser veiculados, classificaram como “tradicional” a concepção até então dominante. Assim, a expressão “concepção tradicional” subsume correntes pedagógicas que se formularam desde a Antiguidade, tendo em comum uma visão essencialista de homem e uma visão pedagógica centrada no educador (professor), no adulto, no intelecto, nos conteúdos cognitivos transmitidos pelo professor aos alunos, na disciplina, na memorização. Distinguem-se, no interior dessa concepção, duas vertentes: a religiosa e a leiga. (SAVIANI, 2008).

A educação tradicional laica

É possível arrastar sua origem até o Nominalismo Ockhamiano, pois:

O teólogo escolástico inglês Guilherme de Ockham (1285-1347) ou William de Ockham, é considerado o precursor do racionalismo, do cartesianismo e do empirismo moderno. Em suas obras Ockham separou razão e fé, filosofia e teologia, e desenvolveu uma doutrina científica a partir do princípio de que só a experiência (proporcionada pelos sentidos humanos) permite conhecer a causa das coisas. (CANCIAN, 2008)

Na Idade Média a educação privilegiava o *trivium* (estudo da linguagem) em detrimento do *quadrivium* (estudo das coisas). Este método de investigação levou à questão dos universais que agitou a vida intelectual deste período, por envolver questões lingüísticas, epistemológicas e teológicas. Tal questão era basicamente sobre a relação entre as palavras e as coisas (COTRIM; FERNANDES, 2010, p. 211,).

Para Ockham, *pluralistas non est ponenda sine necessitate*, (não se deve multiplicar os seres sem necessidade). Assim, ele nega “o valor universal e objetivo do conhecimento humano e a harmonia entre a fé e a razão”, demonstrando um ceticismo em relação à capacidade cognitiva do homem dizendo não ser possível dar provas convincentes de Deus e da imortalidade da alma (MONDIM, 1985, p. 200 -1).

Com isto, a “navalha de Ockham” começa a dar os primeiros golpes pesados contra todo o edifício cultural do Ocidente, abalando a Escolástica internamente. A partir daí, com um salto no tempo, do século XIII para o século XVI, na Reforma, seus princípios foram invocados pelos reformadores, e Lutero considerava o *Venerabilis Inceptor* como “o primeiro e mais genial dos doutores escolásticos” (FRANCA, 1969, p.119).

Martinho Lutero (1483-1546) iniciou o movimento de cisão religiosa do Ocidente, na chamada Reforma, em 1517, com as suas 95 Teses. Até o século XVI, a educação estava nas mãos da Igreja; a partir deste século surgem as Nações-Estado, que se opuseram ao Papa, e inicia-se a classe média (RAMIRO, 2012). Pertence a Lutero a idéia de uma escola pública e para todos, dividida em três níveis (básico, médio e superior). O reformador também defendia a salvação apenas através da fé, contrariando o princípio da manifestação da justiça divina no plano terreno na forma do julgamento dos atos, e a livre consulta às Escrituras, através de publicações nas línguas vernáculas, o que valorizou a alfabetização. Assim, o protestantismo foi ao encontro dos anseios da classe média emergente, pois esta via na educação a possibilidade de uma aceitação da

ascensão social. Apesar de acreditar na salvação apenas pela fé, Lutero afirma que o poder temporal, na figura do Estado, é responsável pela administração da vontade divina sendo, conseqüentemente, a obediência civil um dever moral e a rebelião, um pecado.

No período em que Melanchthon (1497-1560) foi o porta-voz da Reforma surgiu o sistema de escolas públicas, atendendo aos anseios da população e dos governantes, pois este sistema tinha a finalidade de preparar para o trabalho, e dava a possibilidade de prosseguir os estudos (FERRARI, 2011).

Embora um dos estandartes da Reforma tenha sido a tradução da Bíblia para o vernáculo para viabilizar a livre consulta, se faz necessário ressaltar que a Igreja nunca foi contra tal fato. O latim era o idioma oficial do Ocidente naquele período, como o é hoje o inglês, e a maioria das pessoas eram analfabetas, sem mencionar o fato de que a cópia dos textos sagrados era feita manualmente, graças aos monges copistas, o que limitava a produção, reprodução e o alcance dos escritos. A popularização da leitura e a acessibilidade das Escrituras se devem mais à prensa de Gutenberg do que à Reforma (RODRIGUES, 2012, p. 189- 191).

Com o protestantismo, a educação começa a passar das mãos da Igreja para as do Estado, já que este, para Lutero, é o administrador da vontade divina na terra. Faz-se importante destacar que:

A pedagogia desenvolvida pelas escolas de confissão protestante também se insere nessa concepção (de educação tradicional religiosa), ainda que, como um movimento de reforma da Igreja Católica, o protestantismo participa do movimento de laicização, de crítica à hierarquia [...] que marcou a constituição da ordem burguesa (SAVIANI, 2008).

Durante a Reforma, nasce René Descartes (1596-1650), o pai da Modernidade (FRANCA, 1969, p.142), que deixou como principais contribuições à humanidade e, indiretamente, à educação, um alerta em relação à importância do método, e também deixou o seu próprio, o chamado método cartesiano. Seu método parte da dúvida metódica que, para ele, consiste em basicamente duvidar de tudo. Este método, que é dedutivo, possui quatro regras: só aceitar como verdadeiro o que for claro e indubitável; dividir cada problema em tantas partes necessárias; analisar cada parte plenamente, acrescentando-a ao conhecimento do todo; sempre levar em consideração que tudo pode ser fonte de erro. Desta forma, Cartésio (René Descartes) contribuiu de forma considerável ao avanço das ciências experimentais, pois seu método dá uma forma de produzir conhecimentos científicos seguros (BORGES, s. d.).

São várias as críticas dirigidas a Cartésio, sendo as três primeiras as que melhor se aplicam à educação tradicional leiga: menosprezo à tradição, o que o levou a cair em erros evitáveis; desnaturação da dúvida metódica em dúvida universal; o círculo vicioso do seu método; a já rejeitada prova ontológica da existência de Deus; o apriorismo exagerado e o menosprezo pelos sentidos e a experiência (FRANCA, 1969, p. 146-7).

Contemporâneo a Descartes, em Francis Bacon (1561-1626), o caráter metafísico e religioso do conhecimento é substituído pela objetividade da ciência experimental. Seu desejo de reorganizar o conhecimento humano baseado no conhecimento científico foi compartilhado por educadores, filósofos e estadistas de seu tempo; estaria a cargo da educação escolar a divulgação deste conhecimento, devidamente unificado, uma vez que, na *Nova Atlântida*, Bacon propõe, através da *Casa de Salomão*, uma sociedade que domina o mundo ao seu redor. O autor da *Instauratio Magna* também propõe um método para a produção de conhecimento seguro, o método empírico indutivo, que se destaca, não por ter dado alguma contribuição às ciências mas, sim, por frisar a importância da experiência e propor uma filosofia prática (GALVÃO, 2007).

Quase um século após Descartes e Bacon, o Estado absolutista estava emergindo e conseqüentemente surgem seus defensores. Jean Jacques Rousseau (1712-1778), em seu romance *Emile* propõe um sistema educacional baseado em sua teoria da origem da sociedade, o chamado contrato social. Esta teoria contratualista afirma que o homem primitivo vivia feliz em um estado natural, o bom selvagem, no qual o homem seria bom e inocente, vivendo de acordo com seus impulsos. A sociedade então nasce de um contrato livre, o que acabou com a felicidade e corrompeu o homem, confinando-o na vida social. Agora, já que é impossível retornar a este estado original, o meio mais próximo da felicidade seria o maior desenvolvimento da atividade individual (FRANCA, 1969, p.171). Na época de Rousseau, um tema central na filosofia é a justificativa do Estado, suas possíveis origens e fundamentação de sua autoridade; daí vem suas influências diretas na educação, sendo que esta, devido à Reforma, já se encontrava, majoritariamente, nas mãos do Estado. A educação então deveria ser o mais natural possível, dentro da concepção de Rousseau, não sendo repressora ou conteudista (naturalismo, anti-intelectualismo) e menos na escola, mas antes na família, guiada pelo exemplo, incentivando a criança a se expressar naturalmente (DALBOSCO, s.d., p. 04 - 14.).

Além de Rousseau, o Enciclopedismo, como um todo, também exerceu uma grande influência sobre a educação laica, pois as idéias do Século das Luzes, que nortearão a composição da *Encyclopédie Méthodique*, foram a valorização da razão em detrimento e substituição da fé, valorização da atividade científica, crítica à Igreja e ao clero, comprometimento com o Estado absoluto, o deísmo, e o contratualismo (DUARTE, 2013), como é perceptível em tal passagem:

O primeiro sistema de educação estatal (ou por franquia do Estado, como no modelo brasileiro) realmente eficiente, porém, foi o estabelecido por Frederico I da Prússia, dentro do quadro deste Estado despótico. “Educação rumo ao Estado, educação para o Estado, educação pelo Estado. (...) O Estado é o fim supremo em vista” (RAMALHETE, 2012).

Com a Reforma já consolidada, surge Immanuel Kant (1724-1804), um pietista, pai do criticismo e influenciador do idealismo alemão, não deixou nenhuma contribuição direta à educação. Sua influência na educação está em sua proposta para a questão levantada por Descartes, a da segurança do conhecimento. Kant acaba por concluir que o conhecimento é sempre do indivíduo e de suas percepções, e não da coisa em si. Esta subjetivação do conhecimento termina com o processo da virada epistemológica, saindo do paradigma ontológico e se fixando no epistemológico, uma vez que não seria possível o conhecimento do outro, mas sim um conhecimento do conhecimento. A partir deste momento, a educação perde até mesmo seu significado nominal e passa a ser vista como um mero processo de ensino-aprendizagem (RAMALHETE, 2012).

Apesar de possuir influência forte e clara de pensadores modernos, a educação tradicional laica não é chamada de educação moderna, porque a designação educação tradicional surgiu no século XIX, sendo utilizada por representantes do movimento de renovação educacional (Escola Nova) para distinguir suas idéias e práticas das até então dominantes (SAVIANI, 2008).

A perda da unidade religiosa ocidental, as constantes críticas à autoridade eclesiástica e a tradição refletem-se na educação sob a forma da autoridade suprema da razão humana, que se manifesta no Estado absoluto e nas ciências e isto se personifica nas escolas, na pessoa do professor, representante do Estado, uma autoridade imposta e não natural, pois na educação clássica a autoridade do professor vem dos fatos de ele possuir em ato o que os alunos possuem em potência, e ser um suplente dos pais. Já a didática, é herança do cartesianismo e seu método, o qual visa a subjugar a realidade ignorando a experiência e os sentidos; e os conteúdos das diversas disciplinas atendem ao desejo de Bacon, pois a escola se limita a divulgar, principalmente, os conhecimentos das várias ciências; e com a virada epistemológica, que passou do modelo clássico do conhecimento do ser para o conhecimento do conhecimento (o que é contraditório, pois se a mente não pode conhecer a realidade, o ser, como ela poderia conhecer-se a si

mesma?), se entende que não é possível conhecer a realidade em si, então se torna possível apenas conhecer o conhecimento, daí o intelectualismo que torna o livro didático uma espécie de enciclopédia, a exemplo da pretendida por alguns iluministas. Daí vêm as principais diferenças entre a educação tradicional religiosa e a laica, pois

A vertente leiga da pedagogia tradicional centra-se na idéia de “natureza humana”. Diferentemente, portanto da vertente religiosa que considera a essência humana como criação divina, aqui a essência humana se identifica com a natureza humana. Essa concepção foi elaborada pelos pensadores modernos [...]. A escola surge, aí, como o grande instrumento de [...] difusão das luzes, tal como formulado pelo racionalismo iluminista que advoga a implantação da escola pública, universal, gratuita, leiga e obrigatória (SAVIANI, 2008).

No Brasil, a chegada e consolidação das idéias modernas e iluministas, na educação, é marcada por três fatos:

1º a expulsão da Companhia de Jesus pelo Marquês de Pombal, visando à implantação do Estado Moderno em Portugal e suas colônias. Os jesuítas desde sua chegada ao nosso território se dedicaram à educação de todos: portugueses, índios, escravos etc.

2º a fundação do Colégio Dom Pedro II, que seria modelo imposto a todas as instituições de ensino nacionais;

3º a uniformização do ensino nacional efetuada por Getúlio Vargas, através da fundação do Ministério da Educação, dos Negócios e Saúde Pública, o atual MEC (RAMALHETE, 2012).

A educação tradicional católica

“A vertente religiosa da pedagogia tradicional afunda raízes na Idade Média tendo como manifestação filosófica característica as correntes do tomismo e do neotomismo, referência fundamental para a educação católica” (SAVIANI, 2008).

A Patrística teve seu início no século II e foi até o século VIII, tendo como o seu maior nome o platônico Santo Agostinho de Hipona. Ela é historicamente sucedida pela Escolástica, de *schola*, escola em latim, que se inicia no século IX e vai até o século XVII, se trata de um conjunto de doutrinas que tentam conciliar a fé e a razão, desenvolvidas em escolas e universidades europeias medievais. Neste período se destaca São Tomás de Aquino, um aristotélico e um dos maiores nomes do pensamento medieval. Como a verdade havia sido revelada aos homens por Deus, cabia aos

filósofos apenas demonstrar racionalmente as verdades da fé. A Escolástica pode ser dividida em três períodos:

-1º. do século IX ao XII, a confiança na perfeita harmonia entre a fé e a razão;

-2º. do século XIII ao início do XIV, período de grandes sistemas filosóficos, se considerava que a conciliação entre a fé e a razão pode ser parcialmente obtida;

3º. do século XIV até o século XVI, período e decadência, marcado pela afirmação das diferenças entre razão e fé (SILVA, 2012).

A origem da Escolástica remonta a Carlos Magno. Este, após sua viagem a Itália, onde floresciam as boas letras, em 787 recomendou a fundação de escolas por todo o império. Os primeiros mestres da Europa eram de origem irlandesa, pois a Irlanda fora preservada, desde sua conversão ao cristianismo, das invasões bárbaras. Foram fundados três tipos de escolas: as monacais, as catedrais e as palatinas. O programa de ensino compreendia o *trivium* e o *quadrivium*, rudimentos de ciências naturais, filosofia e teologia. Os métodos utilizados eram a *lectio*, ou um comentário a um texto, e a *quaestio*, discussão ou dissertações sobre determinado tema. Nos fins do século XII acontece a introdução das obras completas de Aristóteles na Europa, traduzidas do grego para o latim e a fundação das ordens mendicantes de São Francisco e São Domingos, de onde saíram os melhores mestres das universidades medievais e se dá a união das várias escolas francesas, resultando no surgimento da Universidade de Paris, a qual seria inspiração de outras instituições como Oxford, Cambridge etc. (FRANCA, 1969, p. 88 e 99).

Como se percebe ao observar as datas, os autores e os acontecimentos explicitados, fica clara a cisão nas concepções teológicas, antropológicas, cosmológicas e educacionais, mudando do paradigma teológico, representado pela Igreja Católica e toda a tradição que a segue para o paradigma antropocêntrico, representado pelo Estado absoluto.

A Escolástica resiste até hoje na forma do pensamento católico tradicional (DUARTE, 2013). Diante da multipolaridade hodierna em vários campos, como no político, no cultural, no econômico, a escola não saiu ileso. Existem várias concepções educacionais (FOGAÇA, s.d.), que têm em comum o posicionamento anti-tradicional, que por sua vez é multiplicado quando se trata da educação tradicional confessional

católica (MENDONÇA, M., 2011). Dom Lourenço de Almeida Prado (1984, p. 358) é enfático quanto a isto:

No quadro desses apelos do tempo, torna-se mais urgente e imperiosa a presença da Igreja no chamado pluralismo cultural hodierno. Quando se multiplicam os contravalores que degradam o homem, a referência a Jesus Cristo assume significação ainda maior para discernir os valores verdadeiros. A escola é, assim, solicitada a formar personalidades fortes, capazes de resistir ao relativismo e capazes, ainda, de fazer face ao materialismo, ao pragmatismo e ao tecnicismo reinantes .

Uma breve história da educação nacional

As idéias educacionais no Brasil podem ser, superficialmente, divididas em quatro períodos:

1º. 1549-1759, o monopólio da educação tradicional católica, cultivada pelos jesuítas com o apoio da Coroa portuguesa, tendo seu ápice na concepção do *Ratio Studiorum*;

2º. 1759-1932, coexistência das educações tradicionais religiosas e leigas, a expulsão da Companhia de Jesus, efetuada pelo Marquês de Pombal, a afirmação das idéias pedagógicas republicanas em bases positivistas e laicas;

3º. 1932-1969, convívio da educação tradicional laica com a crescente Escola Nova, suplantação da primeira pela segunda, formação da pedagogia tecnicista;

4º. 1969-2001, domínio da concepção produtivista, Paulo Freire, neo-produtivismo, neo-escolanovismo, neo-constructivismo e neo-tecnicismo (GONÇALVES, 2009).

Por Escola Nova se entende o movimento educacional que ocorreu na Europa e nas Américas, influenciado pelas ideias de Dewey e Durkheim. Seus representantes brasileiros são Anísio Teixeira (1900—1971) e Lourenço Filho (1897-1971). Inicia-se no Brasil com a promulgação do chamado Manifesto dos Pioneiros (1932). Segundo Dewey, a escola não deve preparar para a vida, mas sim ser a vida, propiciando uma permanente reconstrução da experiência de aprendizagem e democratização das oportunidades (HAMZE, s.d.).

A educação tradicional católica no Brasil

Esta se inicia logo após a colonização, pois naquele tempo havia apoio da Coroa portuguesa aos jesuítas. A partir de 1549, a Companhia de Jesus implantou os

primeiros colégios, inicialmente na versão do Plano de Nóbrega. Neste período se destacam o espírito da Contra-Reforma, a catequização, as ideias e a pessoa de Anchieta. Estes primórdios da educação tradicional católica brasileira foram suplantados pelo plano geral de estudos, o *Ratio Studiorum*, elaborado de 1584 a 1599, o qual possuía regras sobre os detalhes mínimos do funcionamento dos colégios jesuítas. O que se percebe no *Ratio* é uma concepção do homem constituído por uma essência universal e imutável, na qual a educação tem o papel de amoldar o homem à imagem e semelhança de Deus, pois a essência humana é uma criação divina. O tomismo é o fundamento do *Ratio Studiorum*.

Devido ao Padroado, Portugal não poderia desligar-se de forma tão abrupta da Igreja, então o Marquês substituiu uma de suas principais linhas de resistência ideológica, a Companhia de Jesus, por membros da Igreja que compactuavam com as ideias modernas, dando destaque aos padres da Congregação do Oratório de São Felipe Néri, ou Oratorianos. A partir disto, se entende porque um dos principais obstáculos à expansão da Escola Nova na década 1930 foram, justamente, leigos e religiosos católicos como o Pe. Leonel Franca S.J. e Alceu Amoroso Lima, sendo que este último, apesar de ser uma resistência ao Modernismo, em seus escritos já demonstra uma abertura às novas ideias, com a ressalva de que o essencial, o catolicismo, seja mantido. Isto acaba por se mostrar desastroso, pois é justamente através desta abertura que entram na educação tradicional católica o Modernismo e as ideias de Leonardo Boff, a chamada Teologia da Libertação, influenciada fortemente pelo marxismo de Paulo Freire, fato que é claramente perceptível em grupos católicos ligados à Teologia da Libertação e envolvidos na educação como a A.P. (Ação Popular) e a J.U.C. (Juventude Universitária Católica), entre muitos outros.

Na década de 1960, os militares tomam o poder e desde então o produtivismo e o tecnicismo têm sido as concepções oficiais na educação nacional, sendo que as concepções sociológicas e marxistas dominam as instituições educacionais ideologicamente (SAVIANI, 2008).

Faz-se necessário diferenciar Modernidade de Modernismo. A Modernidade, enquanto movimento filosófico começa com o Renascimento, no século XVII, com Descartes (ABBAGNANO, 2007, p.791). A palavra Modernismo apareceu pela primeira vez na Carta Encíclica *Pascendi Domici Gregis*, do Papa Pio X. Tal palavra é uma referência a um movimento doutrinal surgido entre os séculos XIX e XX, desencadeado por teólogos e filósofos católicos. Tal Encíclica denuncia que no cerne do

Modernismo existe uma série de erros que vão contra a ortodoxia católica, além de tendências racionalistas e liberais. Este movimento surgiu na França, passou pela Grã-Bretanha e chegou à Itália, onde se revestiu de aspectos sociais e políticos. Como Pio X denunciou em sua Encíclica *Pascendi*, o Modernismo se revelou tributário da filosofia Moderna, apresentando problemas graves como o agnosticismo, o imanentismo, o simbolismo e o subjetivismo. As reações anti-modernas, mesmo antes ou depois da *Pascendi*, não surtiram efeito (FREITAS, 1999, p. 919 -24).

Voltando à história da educação nacional, as reformas Pombalinas foram desastrosas pois, além de extirparem o sistema educacional jesuíta, não chegaram a ser plenamente implementadas e por isto deixaram o Brasil por um longo período sem um sistema educacional organizado e abrangente, além de ser o marco inicial de uma característica da educação brasileira, aqui as ideologias educacionais não chegam nem a florescer e são podadas para dar lugar a outras (MACIEL; SHIGUNOV NETO, 2006).

CRÍTICAS CONTRA A EDUCAÇÃO TRADICIONAL

Existe atualmente no Brasil uma classificação das tendências pedagógicas, dividindo-as em dois grandes grupos: as tendências liberais e as progressistas. De acordo com ela, são classificadas como tendências liberais a Educação Tradicional, a Renovadora Progressista, a Escola Nova e a Tecnicista; e como tendências progressistas a educação Libertadora, a Libertária e a Crítico-social dos Conteúdos (FOGAÇA, s.d.). Mesmo diante de tal variedade, há quem estimule a utilização concomitante destas vertentes diversas (FOGAÇA, s.d.; MOURÃO, s.d.):

Vários autores atuais que se dedicaram ao tema da educação têm em comum um posicionamento negativo em relação à educação tradicional. Porém, se tais opiniões forem mais bem analisadas, são perceptíveis os traços caricaturais, pois a dita escola considerada tradicional é a escola real, com sua estrutura e profissionais depreciados pelo tempo, pela administração pública e por gerações de alunos que por elas passaram; enquanto as escolas ideais são as dos congressos e dos livros, das idéias (PRADO, 1984, p. 95 - 6). As críticas progressistas à educação tradicional podem ser reduzidas a três pontos:

1º. A relação entre professor e aluno:

Os críticos da educação tradicional afirmam que esta é uma corrente pedagógica centrada no professor, no adulto, no intelecto, nos conteúdos cognitivos transmitidos, na disciplina e na memorização (SAVIANI, s.d). A corrente progressista afirma ainda que “nesta tendência o professor é a figura central e o aluno é um receptor passivo dos conhecimentos considerados como verdades absolutas” (FOGAÇA, s.d.). Algumas outras palavras utilizadas para se referir ao professor são: dono do saber, mestre todo poderoso, ditador, máquina de repassar conhecimento, doutor de toda a sapiência e incontestável (MOURÃO, s.d.).

“O professor, deve ser rigoroso na tarefa de direcionar, punir, treinar, vigiar, organizar conteúdos, avaliar e julgar as produções e comportamentos que garantam a aprendizagem” (JUNIOR, s.d.). Enquanto isto o aluno é visto como um ser passivo, que deve ser preenchido pelo conhecimento (COSTA, 2012).

Esta visão é um equívoco porque, na vertente católica, o aluno é um ser que procura aperfeiçoar-se, e o faz através da educação, sendo então o professor um auxiliar ou guia do aluno, ajudando-o na obtenção de conhecimento seguro e verdadeiro. Sua autoridade vem do fato dele possuir em ato algo que os alunos possuem em potência. O professor deve ele estar o mais próximo da verdade e por isto pode ser o guia de seus alunos. É a verdade que deve estar no centro da educação, não o professor ou o aluno (PRADO, 1991, p. 27 - 45).

2. O anti-intelectualismo e o naturalismo psicossocial:

Em relação ao conteúdo, a principal crítica é quanto à utilidade dos conhecimentos transmitidos, afirmando não existir relação entre a escola e a vida do aluno (JUNIOR, s.d.):

Como aquilo que é transmitido nas escolas é considerado inútil, o professor passa a ser um mero animador de um público, chamado de alunos, sendo então a função da escola apenas proporcionar o entrosamento social. Isto claramente é falso, pois quem aprende, aprende algo e aquilo que é considerado inútil é de suma importância, pois o homem não foi criado para ser um meio para o Estado, a sociedade ou o mercado mas, sim, tem como fim a sua própria perfeição, a qual ele atinge através da educação (PRADO, 1991, p. 27 - 45).

3. A metodologia:

Neste quesito, a educação tradicional é muito criticada devido a vários fatores como a hierarquia, a inflexibilidade, a invariabilidade, a insensibilidade e exigência de memorização, sendo uma forma de “educação que se dedica a cultivar,

desenvolver e alimentar a inteligência, através da transmissão dos conhecimentos existentes nos livros, do professor para o aluno, para sua memória” (JUNIOR, s.d.).

Há dois fatores que levam à contestação da autoridade do professor: a fonte do material, porque, como Junior afirmou acima, há professores que se limitam a transmitir apenas o livro e a disponibilidade do conteúdo, pois as novas tecnologias como a *internet*, a televisão e o rádio tornam o conhecimento muito mais acessível aos alunos assim como, de certo modo, deixam infundada a necessidade da memorização dos conteúdos (COSTA, 2012).

Ora, na educação tradicional católica se fazia necessário decorar o conteúdo porque, em suas origens, uma das principais fontes do conhecimento dos alunos, o livro, ainda era escasso. Faz-se necessário ressaltar que, por isto, as pessoas tinham uma atenção maior, se comparadas com a atualidade. Nas salas de aula havia o *lente*, que fazia uma leitura comentada dos clássicos. Como hoje existem várias fontes de informação e conhecimento, se faz necessário peneirar tudo isto que é bombardeado aos sentidos pelos meios de comunicação de massa a fim de reter apenas aquilo que é seguro e criticamente escolhido (PRADO, 1991, p. 92 - 4).

No ensino tradicional laico, embora este tenha surgido em um período próximo a Gutenberg e à imprensa, sua metodologia é herança da educação tradicional católica, mas agora com outras justificativas: a doutrinação protestante e a justificação do Estado Absolutista tornando, assim, a educação em um meio de conscientização ou divulgação e perpetuação ideológica (RAMALHETE, 2012).

Crítica da educação tradicional católica à educação contemporânea

A educação tradicional católica é baseada no cristianismo e no melhor da filosofia clássica e medieval, e por isto conseguiu resistir aos ataques corrosivos de todos os tempos e persiste até hoje. Já a educação tradicional leiga é uma consequência da Reforma, da Modernidade e do Século das Luzes. As várias ideologias educacionais atuais são frutos da Modernidade, da Filosofia da Ilustração, das ciências biológicas, sociais e as do inconsciente (psicanálise, psicologia etc.). Representantes e simpatizantes de tais ideologias têm em comum a crítica dirigida à educação tradicional, em inúmeros casos nem sequer se dando ao trabalho de distinguir suas vertentes,

levando em consideração apenas o fato de a instituição educacional ser ou não confessional (MENDONÇA, M., 2011).

Assim como alguns religiosos aderiram ao Modernismo e isto se refletiu na educação contemporaneamente outros religiosos, notavelmente mulheres, também compactuam com as novas idéias na educação devido aos apelos sociais e psicológicos (SAVIANI, 2008; CARLOS, s.d.).

A escola contemporânea tende a nivelar todos os alunos, os que podem ser superdotados, os ditos normais e os considerados especiais, em um nível compatível apenas a estes últimos (PRADO, 1991, p.142 - 4).

A EDUCAÇÃO INTEGRAL E A FILOSOFIA PERENE: ESCLARECENDO CONCEITOS, DESFAZENDO EQUÍVOCOS

Santo Tomás de Aquino, mesmo possuindo uma vasta obra filosófico-teológica, escreveu pouco sobre o tema da educação. Sua obra que trata clara e especificamente de tal tema é um pequeno opúsculo composto por quatro artigos, sob o nome *De Magistro*, parte de um livro chamado *De Veritate*.

Apesar de pequena, tal obra possui um enorme valor, pois:

A doutrina pedagógica tomista, além de superior às elucubrações dos cinco séculos posteriores a Sto. Tomas, vale mais, filosoficamente falando, que as teorias modernas a partir de PESTALOZZI. Nem lhe falta atualidade, pois, os problemas acentuados por DEWEY são todos ventilados pelo DOUTOR MEDIEVAL (MAYER; FITZPATRICK, 1935, p.13 - 4).

A educação necessita da filosofia, e em especial da tomista, pois esta salvaguarda tanto os professores quanto os alunos de teorias errôneas que cercam e tentam, a todo custo, tomar a escola (SIQUEIRA, 1942, p.23). Ora, o tomismo é uma filosofia cristã. Daí a ligação entre religião e educação.

De acordo com Pio XI, na carta encíclica *Divini Illius Magistri*, a educação começa em casa. O direito e o dever da família em educar as próximas gerações não pode ser tomado por qualquer outra instituição. O Estado, a escola, o professor e até mesmo a Igreja devem respeitar a família em relação a sua prole (PIO XI, 1929), pois é um fato a muito conhecido, mas aparentemente esquecido, que a família é anterior a estas organizações mais complexas (ARISTÓTELES, 2012, p.181). De fato a criança tem o direito à educação, mas como ela não tem condições de reivindicar tal direito, a

responsabilidade de educar as novas gerações é, necessariamente, de seus pais (PRADO, 1991, p. 72 - 4).

De acordo com Santo Tomás, o filho é algo dos pais e estes têm algo de Deus, enquanto princípio de geração e educação. Os pais também ligam os filhos ao organismo social, pois é através de sua família que o indivíduo entra em contato e se insere na sociedade. “Deus, concedendo à família a fecundidade, dá-lhe também a obrigação de dar à sociedade um ser vivo inteiro e perfeito. Para tanto, porém, é necessário o direito de educar.” Como a educação tem de ser conforme a natureza da criança, ninguém melhor para educá-la que seus pais, que a conhecem desde seu nascimento. Os direitos da família sobre sua prole são invioláveis e anteriores ao Estado sendo conferidos pela geração natural e pelo amor conseqüente, entre pais e filhos (SIQUEIRA, 1942, p. 222 - 30). Mas que educação os pais devem dar a sua prole? Para que?

É uma lindíssima lição de Santo Tomás: Mais devem os pais desejar para os filhos a herança do céu do que a sua. Assim como de Deus tem o pai e o filho, assim para Deus e seu serviço há de educar a prole. É honra para os cônjuges ter o filho em comum com Deus, de tal sorte que o filho deles segundo a carne seja de Deus filho pela graça. Mais devem amar nos filhos a qualidade de filhos de Deus, do que de filhos deles mesmos; mais estimar que sejam bons do que simplesmente existam. (SIQUEIRA, 1942, p. 231).

Na Idade Média a criança recebia toda sua educação na família e aprendia a trabalhar com o pai ou nas oficinas, e não se fazia tão importante saber ler. Quase não existiam escolas. Com a descoberta ou invenção da imprensa e o surgimento dos jornais, não saber ler deixava o indivíduo à margem dos fatos e os aumentos da jornada de trabalho dificultaram a educação familiar. Neste momento as escolas começam a se popularizar, o que mostra claramente que a escola é e deve ser extensão da família. Um pouco mais a frente no tempo começa a surgir nas constituições a ideia do dever dos Estados darem a educação pública (PRADO, 1991, p. 92 - 5). A estatização da escola se começa na Reforma, se concretiza na Revolução Francesa, e se torna desastrosa com a Modernidade e a Filosofia das Luzes.

A educação é atualização de potências e o conhecimento é uma delas. O mestre único e perfeito é o próprio Deus, pois apenas Ele pode mostrar a verdade em si para sua criação. Ele infunde o conhecimento nos homens e é necessário um estímulo externo para que este se atualize em cada um dos indivíduos e aí se dá a atuação do professor humano, que conheça em ato aquilo que será lecionado, e a utilidade dos

sinais. A atualização das potências depende unicamente de Deus, pois apenas Ele pode atuar em toda a realidade humana (AQUINO, 1935, p.47- 83). Por isto o docente, apesar de secundário, não é descartável ou substituível.

Desta forma, tornam-se claras as peculiaridades da docência enquanto profissão. O docente auxilia a família na formação das novas gerações, mostrando aos seus alunos todo o tesouro que a tradição acumulou através dos tempos, dando-lhes assim a noção de quem eles são e até aonde podem chegar. O professor é uma causa auxiliar do conhecimento, sendo a principal o próprio aluno. Pode ser chamado verdadeiramente de mestre o homem que ensina a verdade e ilumina a mente. A potência não se atualiza por conta própria. O homem pode adquirir a ciência de forma intrínseca, quando descobre, e extrínseca, quando é educado. Por isto o mestre deve necessariamente saber aquilo que está lecionando pois, de modo contrário, a atualização em seus alunos não se dará de forma adequada e certa. Sem um professor o processo de aquisição do conhecimento seria demasiadamente ineficiente e demorado. Quanto aos símbolos, estes resumem a experiência de gerações e evitam o inconveniente de, metaforicamente, reinventar a roda. Sem sombra de dúvida, o melhor exemplo de mestre que já pisou neste mundo é Jesus Cristo, tanto por suas qualidades pessoais quanto por seu método educacional e os resultados obtidos. (SIQUEIRA, 1942, 196 - 203, 246 - 58; PRADO, 1991, p.41 - 5).

O aluno se tornou uma figura passiva no processo educativo a partir da laicização da educação. É interessante notar que, para a educação tradicional católica, o aluno sempre foi uma figura ativa na procura do conhecimento, tanto que na Idade Média não existiam manuais para os professores, mas sim para os alunos, como os escritos de Hugo de São Vitor (RAMALHETE, 2012). Um dos méritos da educação contemporânea é, justamente, voltar o foco do processo educativo para o aluno (MARITAIN, 1959, p. 62).

O aluno é a causa eficiente da educação. A educação é um processo de aperfeiçoamento imanente, sendo toda educação externa, do professor para o aluno, falsa, pois este tipo de docência também é chamado de adestramento. O aluno não é e nem pode ser passivo porque deve partir dele o impulso para o seu próprio aperfeiçoamento. Também são dele as potências a serem aperfeiçoadas. O professor é um mero guia ou auxiliar do aluno (SIQUEIRA, 1942, p.173 - 5).

Uma educação que se queira realmente de qualidade não pode se reduzir a fatores meramente quantificáveis, e reduzir à verdade a conformidade com alguma

ideologia ou com a mera utilidade para o Estado, para o mercado de trabalho ou para a sociedade.

O fim último do homem é sobrenatural e ele deve dirigir-se ao seu fim de maneira consciente e livre. Daí surge a necessidade de uma educação integral, para formar o homem em sua universalidade, pois a razão tem por objeto o conhecimento da verdade, a vontade tende para o bem e é através do corpo que nos manifestamos neste mundo e por meio dos sentidos que conhecemos. A educação tem de dar-se nestes níveis: o físico/volitivo, aperfeiçoando tanto o corpo quanto a vontade, e o sensório/racional, para aperfeiçoar a razão e o espírito. “Natureza eminentemente intelectual, Deus teve uma finalidade na ação criadora, finalidade que não pode ter sido diversa dele mesmo, dado que se o fosse haveríamos de reconhecer algo de superior ao próprio Deus” (SIQUEIRA, 1942, p. 56, 127, 259 - 306).

Deus é a Excelsa Verdade e, portanto, é o objeto da razão humana; Deus é o Sumo Bem, o objetivo da vontade do homem. O ser humano se aperfeiçoa para ser digno da suprema perfeição, que é Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação tradicional laica é consequência do Protestantismo, da Modernidade, da Filosofia da Ilustração e da Revolução Francesa. Se existe algum benefício na educação pública estatizada, deve ser, principalmente, para o próprio Estado.

O Estado contemporâneo é uma instituição que perdeu seu fim de vista. Em muitas atitudes e medidas que o Estado toma - quando são avaliadas em sua totalidade, de seus princípios aos seus fins, analisando suas consequências - são perceptíveis as inclinações estatais de adular o sistema econômico, sendo que para tal, o bem comum é, convenientemente, deturpado ou negligenciado; e o homem, a família e, conseqüentemente, toda a sociedade, são sacrificados.

Quando o Estado contemporâneo não está ocupado atendendo aos interesses do sistema econômico, cuida de sua auto-afirmação através de políticas públicas demagógicas e populistas. Isto quando não faz os dois ao mesmo tempo. O Estado se tornou uma estrutura autoconsciente e, a exemplo de um tumor maligno, tem como

único fim sua própria existência, e por isto ele aliena o indivíduo e explora direta e indiretamente a sociedade. O Estado hodierno não é democrático, mas sim uma tirania plutocrática.

Em um Estado realmente democrático e legítimo, onde tal organização não perdeu seu fim último de vista, a educação tem como fim aprimorar o homem como um todo e de forma integral. Em ordem decrescente de importância é possível distribuir assim tal nação: indivíduo, família, sociedade e Estado. De fato, o todo é mais importante e maior que suas partes, mas tendo em vista a realidade, o Estado nada mais é do que uma extensão da sociedade, e não ela toda, e este deve ter por fim o bem comum; o fim da sociedade é ser um apoio para a auto-realização de cada um dos indivíduos, pois é na sociedade que se encontram os meios para isto; e a família, que é a forma mais primitiva e básica da sociedade, mesmo não sendo autônoma como a sociedade, prepara os indivíduos para ela. Aí entra a escola, pois as famílias atualmente não têm condições para dar toda a educação que sua prole necessita, então a sociedade, através do Estado, dá esta complementação e apoio à família.

O fim último do Estado é o bem comum, e seu meio para atingir tal meta é o gerenciamento da coisa pública; o fim último da sociedade é a plena realização de cada um dos indivíduos e o faz disponibilizando meios para isto; a meta da família é gerar e educar sua prole, preparando-a para a vida em sociedade; e o fim último do indivíduo é a sua própria perfeição, e a atinge através da educação. Para que este todo funcione de forma harmônica é mais do que imprescindível a educação integral, pois só ela prepara adequadamente o indivíduo em sua totalidade.

O fim último do homem é o próprio Deus, pois este é a perfeição em si, e mais perfeito é o homem que está próximo Dele. A Igreja, enquanto instituição criada por Deus, guardiã de toda a herança ocidental e beneficiadora de todo o conhecimento, é a mais perfeita escola. É também a ligação direta entre o homem e seu criador.

Por tudo isto, uma educação verdadeira e integral tem como preceitos o cristianismo católico e, conseqüentemente, o tomismo como filosofia de vida.

EDUCATION UNDER THE PERENNIAL THOMISM LIGHT: CLARIFYING CONCEPTS, UNDOING MISTAKES

ABSTRACT

This work was undertaken to clarify the differences between traditional Catholic and secular educations. Aims to highlight the historical origin, the essential differences and misconceptions around the traditional Catholic education committed by pedagogists and apologists of contemporary educational trends. Outlines the key points of education, currently exalted as pedagogy but with a friendlier look for the treasure preserved in the Catholic tradition, most of the works of contemporary authors become verbose. Was based on the literature in books and files available on the internet.

Keywords: Education; Catholic; Secular; Pedagogy; Thomas de Aquino

REFERÊNCIAS

- ABAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AQUINO, Tomás de. *De Magistro*. Traduzido por Leonardo Van Acker in: MAYER, Mary Helen; FITZPATRICK, Edward A. *A Filosofia da Educação de Santo Tomás de Aquino*. Traduzido por Maria Ignez de Moraes Cardim. São Paulo: Odeon, 1935.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 6ª edição, 2012.
- BORGES, Donaldo de Assis. *Reflexão sobre educação a partir da ótica filosófica: uma análise da primeira parte do Discurso do Método, de Descartes (1596-1650)*. Disponível em: <http://meuartigo.brasilecola.com/filosofia/reflexao-sobre-educacao.htm> Acesso em 20-06-2013.
- CANCIAN, Renato. *Guilherme de Ockham: Causa e Efeito*. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/guilherme-de-ockham-causa-e-efeito.htm> Acesso em 21-08-2013.
- CARLOS, José. *Estudo. Propostas do Movimento da Educação Nova ou Escola Nova*. Disponível em <http://www.meuartigo.brasilecola.com/educacao/educacao-moderna-contemporanea.htm> Acesso em 09/11/2013.
- COSTA, Emileide Lucineia da Costa. *Ensino Tradicional*. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/11345/ensino-tradicional> Acesso em 29-06-2013.
- COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. *Fundamentos de Filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2010.
- DUARTE, Ercílio Ferreira. *A Educação na Idade Média*. Disponível em: <http://www.pedagogiaaopedaletra.com.br/posts/a-educacao-na-idade-media/> Acesso em 23-06-2013.
- FERRARI, Marcio. *Martinho Lutero*. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.br/aprendizado/martinho-lutero-307574.shtml> Acesso em 03/07/2013.

- FOGAÇA, Jennifer. *Tendências Pedagógicas Brasileiras*. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/tendencias-pedagogicas-brasileiras.htm> Acesso em 29-06-2013.
- FRANCA, Leonel. *Noções de História da Filosofia*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1969,
- FREITAS, Manuel da Costa. *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* vol. 3. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1999.
- GALVÃO, Roberto Carlos Simões. *Francis Bacon: Teoria, Método e Contribuições para a Educação*. Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/620> Acesso em 13-05-2014.
- GONCALVES, Maria Dativa de Salles. História das ideias pedagógicas no Brasil (Col. Memória da Educação). *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 39, n. 136, Apr. 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742009000100016&lng=en&nrm=iso>. access on 25 May 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742009000100016>.
- HAMZE, Amélia. *Escola Nova e o Movimento de Renovação do Ensino*. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/gestao-educacional/escola-nova.htm> Acesso em 03-06-2013.
- JUNIOR, Edmilson Tinoco Vilela. *Ensino Tradicional*. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAARCAA/ensino-tradicional> Acesso em 29-06-2013.
- MACIEL, Lizete Shizue Bomura; SHIGUNOV NETO, Alexandre. *A educação brasileira no período pombalino: uma análise histórica das reformas pombalinas do ensino*. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 32, n. 3, Dec. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000300003&lng=en&nrm=iso>. access on 25 May 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022006000300003>.
- MAYER, Mary Helen; FITZPATRICK, Edward A. *A Filosofia da Educação de Santo Tomás de Aquino*. Traduzido por Maria Ignez de Moraes Cardim. São Paulo: Odeon, 1935.
- MENDONÇA, Alba Valéria. *Colégio de São Bento, no Rio, volta ao topo do ranking do Enem no país*. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/09/colégio-de-sao-bento-no-rio-volta-ao-topo-do-ranking-do-enem-no-pais.html> Acesso em 19-05-2013.
- MENDONÇA, Martha. *O ponto fraco do ensino forte*. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI253350-15228,00-O+PONTO+FRACO+DO+ENSINO+FORTE.html> Acesso em 19-05-2013.
- MONDIM, Battista. *Curso de Filosofia vol.1*. Traduzido por Benôni Lemos. São Paulo: Edições Paulinas, 3ª edição, 1985.
- MOURÃO, Helder. *A Pedagogia Tradicional Ontem e Hoje*. Disponível em: <http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/a-pedagogia-tradicional-ontem-hoje.htm> Acesso em 29-06-2013.

- PIO XI. *Divini Illius Magistri*. Disponível em:
http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121929_divini-illius-magistri_po.html Acesso em 25-05-2014.
- PRADO, Lourenço de Almeida. *Educação: Ajudar a pensar, sim. Conscientizar, não*. Rio de Janeiro: Agir, 1991.
- _____. *Educação para a Democracia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- RAMALHETE, Carlos. *A doutrina revelada sobre a graça*. Disponível em:
<http://www.catolicoporque.com.br/index.php/colaboradores/carlos-ramalhete/artigos-cr/2676-graca-doutrina-revelada-sobre-a-graca> Acesso em 19-03--2014.
- _____. *Pedagogia Escolástica e Pedagogia Moderna: a Passagem do Pensamento Clássico ao Pensamento Moderno*. Disponível em:
<http://www.catolicoporque.com.br/index.php/colaboradores/carlos-ramalhete/artigos-cr/2769-educacao-pedagogia-escolastica-e-pedagogia-moderna-a-passagem-do-pensamento-classico-ao-pensamento-moderno> Acesso em 21-08-2013.
- RAMIRO, Marcelo. *A Reforma Protestante e sua Contribuição para a Educação Moderna*. Disponível em: <http://metodista.br/fateo/noticias/a-reforma-protestante-e-sua-contribuicao-para-a-educacao-moderna> Acesso em 03-06-2013.
- RODRIGUES, Marcos Henrique Camargo. *Gutenberg e o letramento do ocidente*. Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão, v. 1, n. 1, ago./dez. 2012. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/educacaoelinguagens/documentos/v1n1/188-201.pdf> Acesso em 24-05-2014.
- SAVIANI, Demerval. *As concepções pedagógicas na história da educação brasileira*. Disponível em:
http://www.joinville.udesc.br/portal/professores/maria/materiais/3_Saviani_Concepcoes_Pedagogicas.pdf Acesso em: 19-05-2013.
- SILVA, Gabriela Souza. *Escolástica*. Disponível em:
<http://www.pedagogiaaopedaleta.com.br/tags/escolastica/> Acesso em 23-06-2013.
- SIQUEIRA, Antonio Alves de. *Filosofia da Educação*. Petrópolis: Vozes, 1942.